

## PROJETO DE PESQUISA

### Estrutura Social e Relações de Gênero entre os Tukano do alto Rio Negro (AM)

#### RESUMO

O objetivo da pesquisa é investigar possíveis conexões entre a estrutura social e as conceituações nativas da mulher e das relações de gênero entre os índios Tukano do alto Rio Negro. As mudanças estruturais a que vêm sendo submetidos esses grupos devido ao contato com a sociedade nacional têm provocado uma série de problemas sociais, entre os quais a desorganização da estrutura familiar tradicional e o aumento do número de mães solteiras entre as adolescentes indígenas. Uma análise das representações de gênero neste contexto de mudança pode fornecer embasamento teórico para programas de ação que visem o enfrentamento de tais problemas.

#### ÁREAS DISCIPLINARES

Antropologia Social; Antropologia do Gênero; Etnologia Sul-americana.

#### PROPONENTE

Cristiane Lasmar Pacheco

Identidade:08409705-4

CPF:01248254783

Endereço: R. Conselheiro Macedo Soares, 23/202

Lagoa, Rio de Janeiro, RJ 22471-120

Tel: (021) 539-9259

E-mail: crislasmar@ax.ibase.br

## **Estrutura Social e Relações de Gênero entre os Tukano do alto Rio Negro (AM)**

### **Introdução**

O presente projeto visa a realização de uma pesquisa de doutorado que, com base em trabalho de campo, tem por objetivo principal investigar as relações entre as estruturas doméstico-familiares dos índios Tukano Orientais (Noroeste Amazônico) e a forma como são concebidas e representadas as relações entre os gêneros. Defino como estruturas doméstico-familiares aquelas que organizam as relações cotidianas entre os membros de um mesmo grupo residencial. Por estarem há muito tempo submetidos às pressões do contato com a sociedade nacional, os índios Tukano vêm sofrendo uma série de transformações em sua estrutura social, da qual as estruturas doméstico-familiares são um aspecto importante. Pretendo verificar que conexões podem ser estabelecidas entre tais mudanças estruturais e as atuais conceituações culturais acerca das relações entre os gêneros.

A pesquisa se insere, em primeiro lugar, no campo da antropologia do gênero. A distinção entre sexo e gênero, formulada por autores como Rubin (1975) e Strathern (1976) deve ser tomada como um dos pressupostos teóricos de base. Isso implica a opção por analisar os gêneros como categorias socialmente construídas e suas relações, portanto, como fenômenos de natureza cultural. Embora a distinção entre sexo e gênero

possa ser teoricamente questionada em vários níveis (ver Moore 1994), a abordagem construtivista é vantajosa para a análise de representações culturais particulares.

A clássica oposição entre as esferas pública e privada da vida social, muito utilizada nos estudos de gênero (ver Rosaldo 1974), também será um instrumento teórico importante. Não obstante, a análise deverá incorporar o trabalho de vários autores que, ao lançar um olhar crítico sobre esta dicotomia, problematizaram sua utilização como paradigma teórico e relativizaram os conceitos de público e privado (por exemplo, Collier & Yanagisako 1987; Comaroff 1987; e Rosaldo 1980). Ainda que a oposição público/privado já tenha sido alvo de muitas discussões no campo da antropologia do gênero, considero o debate sobre seu rendimento teórico longe de ter sido esgotado. O foco na esfera doméstica – concebida aqui, a princípio, como aquela onde se dão as relações de produção e consumo de alimentos, reprodução e socialização primária – nos permitirá integrar a pesquisa a essa discussão.

Nos meses de janeiro e fevereiro de 1996, foi realizada uma pesquisa de campo inicial na cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM), com o objetivo de investigar as mudanças ocorridas nas estruturas doméstico-familiares dos índios Tukano como consequência do processo de urbanização da região

do alto Rio Negro.<sup>1</sup> Os principais fenômenos observados foram a progressiva passagem da maloca coletiva centrada no grupo agnático para as casas habitadas por uma família nuclear; e alterações aparentemente radicais na divisão sexual do trabalho. Tais mudanças tornam a sociedade Tukano um laboratório privilegiado para uma pesquisa que propõe investigar o impacto da estrutura social nas representações culturais da mulher e das relações entre os gêneros.

Em trabalhos produzidos nos anos 70 e 80, etnólogos que estudaram sociedades amazônicas, como Chernela (1984 e 1988), Jackson (1990) e Robert & Yolanda Murphy (1974), entre outros, sugeriram que as representações das identidades e relações de gênero são resultado de determinadas configurações da estrutura social. Através da pesquisa de campo proposta neste projeto, poderei testar, ao mesmo tempo, a pertinência de tais relações e as hipóteses avançadas por autores que se debruçaram especificamente sobre o caso Tukano (Chernela 1988, Jackson 1990). É possível estabelecer relações entre fatores socioestruturais e as representações da mulher e das relações entre os gêneros para os Tukano contemporâneos?. As mudanças na estrutura social se fazem acompanhar de novas conceituações de gênero e novas identidades sexuais? Que novas conceituações e identidades são essas?

---

<sup>1</sup> Durante o trabalho de campo, contei com apoio do Instituto Socioambiental (ISA), que realiza um importante programa de ação e pesquisa junto às populações indígenas do alto e médio Rio Negro, e possui uma sede na cidade de São Gabriel da Cachoeira. O financiamento para a viagem e o trabalho etnográfico foi obtido junto à Fundação Carlos

Por fim, a pesquisa poderá dar uma contribuição aos esforços realizados atualmente pelos índios do alto Rio Negro para solucionar alguns dos problemas que a nova realidade, cada vez mais urbana, vêm lhes apresentando. Um desses problemas é o conflito, recentemente instaurado, entre os homens indígenas e os militares residentes em São Gabriel da Cachoeira. O pivô do conflito é um grupo de mulheres indígenas que, ao escolher seus parceiros sexuais, têm preterido os índios em favor dos militares. Uma das conseqüências disso foi o aumento do número de mães solteiras entre as mulheres indígenas.

Trata-se de um problema delicado. Durante a pesquisa de campo inicial, pude constatar que, de uma maneira geral, o envolvimento sexual das mulheres indígenas de São Gabriel com os militares é espontâneo. Por outro lado, não é menos verdade que as mulheres indígenas sejam vítimas de violência sexual, principalmente por parte de brancos militares e garimpeiros. É interessante observar, em conversas com informantes indígenas de ambos os sexos, a recorrência de uma representação da arte da corte e da sedução como prerrogativa do homem branco. Uma análise das concepções Tukano sobre as relações entre os gêneros e das novas identidades sexuais que emergem no processo de mudança pode ser útil na compreensão de fenômenos como esse, que chamam atenção, à primeira vista, pela ambigüidade aparente. É possível ver o relacionamento das índias

com os militares como um entre outros indicadores de que há novos padrões de relacionamento entre os gêneros sendo engendrados pela população Tukano.

### **Relações de Gênero na Sociedade Tukano Tradicional<sup>2</sup>**

Tradicionalmente, os índios Tukano habitam a bacia do rio Vaupés, no Noroeste Amazônico, um território situado na fronteira entre Brasil e Colômbia. De uma maneira geral, podemos afirmar que os Tukano do lado brasileiro se vêem atualmente mais afetados pelos processos de urbanização e integração do que seus parentes que vivem em território colombiano. Isso se faz evidente num simples cotejo da literatura etnográfica: as etnografias produzidas durante as décadas de 70 e 80 junto aos Tukano da Colômbia dão conta de uma realidade mais tradicional em termos de padrões de assentamento e produção, organização social e vida ritual (ver Jackson 1983; Hugh-Jones, S. 1979; Hugh-Jones, C. 1979). No Brasil, desde a década de 60, já não há mais malocas coletivas, e atualmente, mesmo nas comunidades mais afastadas dos centros urbanos, o grupo agnático foi substituído pela família nuclear como unidade social de referência.

A área focalizada pela pesquisa inclui os municípios de Iauareté e São Gabriel da Cachoeira (AM), limitando-se a leste pelo município de Santa Isabel do Rio Negro, ao sul pelo rio Japurá, a oeste e a norte pela fronteira

---

<sup>2</sup> Os dados etnográficos e bibliográficos desta e da seguinte seção são apresentados de forma mais minuciosa em Lasmar 1998. Para conforto do leitor, transcrevo-os aqui resumidamente.

do Brasil com a Colômbia e a Venezuela. Esta área compreende o lado brasileiro das bacias dos rios Negro e Vaupés. Ali, vive uma população indígena, estimada em cerca de 20 mil, étnica e lingüisticamente variada, que compreende os povos de língua Tukano Oriental, Arawak e Maku.<sup>3</sup>

Os índios Tukano Orientais dividem-se em cerca de vinte grupos exogâmicos e patrilineares<sup>4</sup>, que integram um sistema regional de troca de mulheres e bens, no qual estão inseridos também povos de língua Arawak e, com menor intensidade, Maku. Um dos principais marcadores da identidade desses grupos é o fato de falarem línguas diferentes, embora em grande parte dos casos elas sejam mutuamente compreensíveis. As línguas funcionam também, na área, como referências para as regras de casamento: idealmente, um indivíduo deve casar-se com uma mulher que fale uma língua diferente da sua; preferencialmente, sua prima cruzada patrilateral (Hugh-Jones, S. 1993: 97).

A regra de residência é virilocal: a mulher casa-se e vai viver com o grupo do marido. Como conseqüência, as mulheres casadas de um determinado grupo serão sempre “estrangeiras” que falam línguas diferentes. Os homens, por sua vez, vivem a vida toda junto ao seu grupo de parentes masculinos por agnação. A língua oficial de um indivíduo é aquela do seu grupo de origem,

---

<sup>3</sup> Berta Ribeiro (1995: introdução) sugere a existência de um conjunto de semelhanças culturais que tornaria possível falar em termos de uma cultura rionegrina, representada principalmente pelos índios Tukano e Arawak. Não obstante, nossa referência principal será o caso Tukano.

<sup>4</sup> Entre os quais, Tukano, Desana, Barasana, Cubeo, Pira-Tapuia, Mirití-Tapuia, Bara, Uanano.

isto é, a língua falada pelo pai e por seus parentes patrilineares. Entretanto, é comum que as crianças aprendam a falar também a língua da mãe.

A comunidade que habita uma maloca é composta por um grupo de irmãos, suas mulheres, filhos, e irmãs solteiras. Normalmente, o chefe do grupo é o irmão mais velho. A organização espacial da maloca e do assentamento em torno obedece a dois princípios básicos: o da hierarquia entre *siblings* e o da segregação sexual. A maloca possui duas portas: a porta dos homens, que dá de frente para o rio principal da localidade, e a porta das mulheres, localizada na extremidade oposta. Cada família ocupa um compartimento separado nos fundos da maloca. Os homens solteiros e os visitantes dormem próximo à porta dos homens.

A parte da frente da maloca é o domínio dos homens; ali eles se sentam, trabalham e conversam durante o dia, e é ali que toda a atividade ritual ocorre. Conceitualmente, trata-se de um espaço ao mesmo tempo sagrado e social. A parte dos fundos, por sua vez, é o domínio feminino e funciona como o centro da vida doméstica. Nessa parte estão localizados os compartimentos familiares, onde são realizados o processamento e o preparo da mandioca, e onde as mulheres e crianças ficam confinadas durante os rituais masculinos que envolvem a utilização dos instrumentos sagrados (Hugh-Jones, S. 1979: 108).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Entre os Tukano, a pena para a mulher que vê os instrumentos sagrados é o estupro coletivo. Todavia, este último parece funcionar muito mais como uma ameaça simbólica do que uma ocorrência prática (Jackson 1990: 28).



De acordo com a crença nativa, os rituais secretos masculinos aproximam o grupo social de sua fonte generativa, o mundo dos fundadores míticos da sociedade Tukano. Durante a liturgia, a maloca se torna o universo em todas as suas potencialidades criativas e destrutivas, e por isso o momento do ritual é também um momento de perigo (Hugh-Jones, S. 1979). Ali, os homens entram em contato com o mundo dos espíritos e dos ancestrais. Através da utilização de símbolos masculinos e femininos, o ritual parece, ao mesmo tempo, expressar uma relação complementar entre os sexos e afirmar a dominância masculina. O objetivo destes rituais é o de garantir a perpetuação da sociedade, epitomizada, esta última, pelo grupo agnático (id.: *ibid.*).

Acompanhando a clássica linha de interpretação segundo a qual os rituais secretos masculinos presentes em grande parte dos grupos amazônicos dão expressão a uma “fantasia masculina de auto-suficiência” (ver, por exemplo, Murphy & Murphy 1974; Nadelson 1975 e Hugh-Jones, S. *op. cit.*), Jackson (1990: 34) afirma que, durante esses rituais, a mulher é associada à heterossexualidade e os homens dramatizam a criação de um mundo unissexual, onde a sociedade Tukano se reproduz sem ter que lidar com o fantasma da afinidade. A autora sugere ainda que, na ausência de um padrão de violência concreta contra a mulher na sociedade Tukano, os rituais secretos masculinos podem ser vistos como meios de exercer o controle através de ameaças simbólicas de violência. Eles funcionariam, ao mesmo

tempo, como um reconhecimento do poder das mulheres e uma tentativa de mantê-las sob domínio.

Segundo Rivière (1984), outro meio de manter as mulheres Tukano sob controle é a divisão sexual do trabalho. De acordo com o autor, o tempo gasto por uma mulher Tukano na atividade econômica não têm precedentes em nenhuma outra sociedade amazônica. As roças de mandioca brava, o principal produto da dieta, são um domínio feminino e a maior parte do tempo das mulheres é consumida pelo trabalho de preparo da mandioca e de outros alimentos para as refeições diárias. Os homens passam grande parte do seu tempo pescando ou caçando, e a carne é o alimento investido de maior valor cultural. São também os homens responsáveis pelo preparo das roças para o cultivo (derrubada e queimada das árvores) e pelo plantio de milho, coca, tabaco, venenos para a pescaria e yagé (Hugh-Jones, S. 1979: 29).

A coleta de produtos da floresta – como insetos, frutos e matéria-prima para a manufatura de objetos – é feita por ambos os sexos, mas geralmente os homens se envolvem apenas nas coletas de grande escala, cujos produtos são itens importantes nas trocas cerimoniais (id: *ibid.*). A produção artesanal também é organizada em linhas sexuais. As mulheres são responsáveis pela manufatura dos objetos de cerâmica e os homens fazem a cestaria, os objetos de madeira e a maioria dos objetos e ornamentos rituais (Hugh-Jones, C. 1979: 170).

O objetivo da breve descrição da estrutura social Tukano foi colocar em evidência alguns aspectos que se relacionam estreitamente com o tema do gênero. A valorização social e cultural do grupo agnático e a importância da estrutura espacial da maloca como princípio organizador da vida social são fatores relevantes para uma discussão sobre as representações culturais das relações entre os gêneros. Como veremos adiante, tudo leva a crer que a valorização (ou desvalorização) cultural do feminino entre os Tukano está estreitamente associada ao valor conferido ao grupo agnático.

Durante as décadas de 70 e 80, seguindo a tendência mais geral do campo da antropologia do gênero, alguns autores americanistas definiram o “problema” da assimetria sexual como questão a ser investigada. O tema da dominação masculina nas sociedades ameríndias esteve fortemente presente em muitos destes trabalhos, embora eles não raro discordassem quanto ao grau de poder concentrado nas mãos das mulheres, poder esse atualizado sob formas tidas como socialmente espúrias, como a fofoca e a manipulação afetiva no interior da família nuclear. De um modo geral, concordava-se que o poder formal, socialmente instituído, era privilégio da parcela masculina do grupo social, mas a maioria dos autores tratava a dominação masculina como uma ideologia. Essa posição foi adotada de forma bastante explícita no trabalho dos Murphy sobre as mulheres Mundurucú (1974).

A existência da concepção “êmica” de um poder feminino, que deve ser domesticado e mantido sob controle pelos homens, também é notada nas

análises que tomaram a estrutura social como o lugar onde reside a explicação para as representações negativas da mulher. No caso Tukano, essas noções encontrariam explicação sobretudo na valorização social do grupo agnático, na virilocalidade e no caráter “estrangeiro ” da mulher. Chernela (1984) demonstrou que, entre os Uanano, as representações do feminino enfatizam uma concepção das mulheres como licenciosas e sexualmente ávidas em contraposição à sexualidade masculina, definida como mais moderada: “women is the seducer, the seeker of sex and (...) the 'reservoir' of libidity” (Chernela, 1984: 29). Tais concepções definiriam a mulher como um ser anti-social e, portanto, inferior.

A hipótese de Chernela é a de que há uma situação de escassez de mulheres entre os índios Tukano, decorrente do tipo de organização das relações sociais intra-grupo e da aliança entre os grupos. A regra de exogamia lingüística e o padrão de casamento por troca de irmãs restringiriam muito as possibilidades de um homem encontrar uma esposa adequada. E uma vez casado, o leque de opções legítimas, não disjuntivas, para relacionamentos extra-conjugais, praticamente se fecha pois, dentro da aldeia em que vive, as únicas mulheres não proibidas para um homem são as esposas de seus agnatos. Conseqüentemente, as mulheres “estrangeiras” que habitam uma maloca acabam se transformando em objetos da competição entre os homens de um mesmo grupo agnático ao tomarem como amantes os irmãos, primos paralelos patrilaterais ou sobrinhos do seu marido. Culpar as mulheres pelos relacionamentos adúlteros, sob o pretexto de que elas

possuem uma sexualidade predatória, funcionaria como uma estratégia para manter a coesão do grupo agnático. E ao mesmo tempo em que garante a solidariedade do grupo agnático, a representação da mulher como sexualmente voraz nega a “escassez” e subtrai da mulher o valor que esta última lhe confere (id.: *ibid.*).

Embora a conceituação da mulher como um elemento socialmente disjuntivo possa de fato estar estreitamente ligada à ameaça real que elas representam para a coesão do grupo agnático, seus referentes não se esgotam no nível da competição cotidiana entre os homens do grupo por favores sexuais. Num nível sociocosmológico mais amplo, pode-se dizer que, enquanto o grupo agnático metaforiza a sociedade Tukano, a mulher representa “o outro”, a alteridade social, com todo o potencial destrutivo de que essas categorias são imbuídas.

Jackson (1990) afirma que o controle precário exercido pelos homens sobre as mulheres – efetivamente, segundo a autora, não há como manter um casamento contra a vontade da mulher – é experimentado com ansiedade e isso contribui para a conotação negativa dada às imagens do feminino. Além disso, sugere Jackson, o caráter periférico e estrangeiro da mulher dá origem a uma simbolização do feminino como o lugar da negação dos interesses coletivos. A estrutura social abre espaço para um tipo de simbolismo que posiciona as mulheres à margem dos interesses do grupo agnático com o qual vivem.

Outra questão que ganha destaque na literatura sobre gênero na Amazônia e possui um interesse direto para esta pesquisa é a das relações entre a assimetria sexual e a estruturação do espaço físico. Os arranjos residenciais tradicionais dos índios Tukano parecem sugerir fortemente a presença de uma oposição entre os domínios público e privado da vida social. Talvez não seja muito arriscado dizer que a estrutura social Tukano como um todo fornece um terreno bastante fértil para a aplicação da equação que associa a mulher à esfera privada e o homem à esfera pública. A existência de rituais secretos masculinos concebidos como responsáveis pela perpetuação do grupo social, dos quais as mulheres se vêem excluídas e a ausência de rituais femininos correlatos; o papel masculino de agente de contato com mundo exterior; a valorização cultural da caça, atividade exercida exclusivamente pelos homens; a segregação sexual do espaço e das atividades, que restringe a área de atuação das mulheres às esferas mais ligadas à domesticidade – como o preparo diário de alimentos, o cuidado com a casa e com as crianças pequenas –, entre outras coisas, concorrem para tornar viável a utilização da oposição público/privado como um modelo de análise para autores como os Stephen Hugh-Jones (1979) e Christine Hugh-Jones (1979).

Stephen Hugh-Jones (1988: 115) sugere que a casa Tukano assume conotações ora femininas, ora masculinas. Durante os rituais que excluem as mulheres, a maloca é concebida como um homem, com a cabeça voltada para a porta principal. Nessas ocasiões, a etiqueta rígida marca uma divisão precisa entre a parte dos fundos, feminina, e a parte da frente, masculina. Na

vida cotidiana, por outro lado, o espaço interior da casa, principalmente a parte de trás, adquire um ar informal e relaxado. O que está em jogo aqui é a integração de indivíduos e grupos e a casa é concebida como um útero, a “nurturing womb like family” (id: ibid)

A essas duas projeções sexualizadas da casa Tukano estão atrelados dois tipos de conceituações das relações sociais (idem: 89). Aquela associada às esferas mítica e ritual enfatiza as noções de hierarquia e descendência e é marcada por um *ethos* masculino. A outra permeia o contexto das relações cotidianas entre os membros de um mesmo grupo residencial e se constitui com base no idioma da cognação e da consanguinidade, possuindo um caráter eminentemente igualitário e feminizado. Essa oposição, proposta pelo autor, entre dois modos diversos de conceituar as relações sociais pode ser vista como uma transformação da dicotomia público/privado.

As idéias de Hugh-Jones provocam algumas reflexões. Vimos que, de acordo com Jackson (1990) e Chernela (1984), as conceituações culturais da mulher entre os Tukano afirmam a sua exterioridade e marginalidade, em oposição à coesão e aos laços de solidariedade do grupo agnático. A mulher é concebida como fonte de perigo e destruição e, por isso, deve ser mantida sob controle através de ameaças simbólicas de violência. Se é verdade que essa forma de representar a mulher encontra explicação na própria organização do grupo residencial, com suas características de segregação sexual e oposição entre as linhas agnática e cognática, a existência de um

*ethos* igualitário informando as relações domésticas nos coloca um paradoxo. Uma das saídas possíveis é supor que o discurso que produz tais conceituações do feminino emana da esfera mítico-ritual, esta sim marcada pelo idioma da hierarquia e da agnação. Em outras palavras, a depreciação cultural da mulher é construída por uma ideologia masculina e agnática e, embora a estrutura do grupo doméstico explique em larga medida a criação de tal ideologia, as relações cotidianas entre seus membros não são informadas por ela.

### **O Processo de Urbanização**

Essas discussões travadas em torno das relações de gênero entre os Tukano durante as décadas de 70 e 80 diziam respeito a uma realidade menos afetada pelas mudanças provocadas pela integração dos índios à sociedade nacional. Atualmente, uma discussão sobre a forma como as relações entre homens e mulheres são concebidas na cultura Tukano precisa, forçosamente, adotar uma perspectiva que incorpore as mudanças estruturais a que vêm sendo submetidas essas populações, principalmente no que diz respeito à área focalizada pela pesquisa.

O único núcleo expressivo de população na região do alto Rio Negro é a cidade de São Gabriel da Cachoeira. São Gabriel foi inicialmente uma cidade-forte (1760), entreposto comercial e base da ação missionária. Nas últimas décadas, tem sido utilizada como ponto de apoio do governo para a implantação de programas oficiais de desenvolvimento, como a construção,



em 1973, de uma etapa da Rodovia Perimetral Norte que produziu um enorme aumento populacional da cidade, com a instalação de várias empresas construtoras e a entrada de trabalhadores e indígenas procedentes de comunidades e povoados do alto Rio Negro. Nessa época, a população de São Gabriel, que compreendia cerca de 3000 pessoas, praticamente dobrou (Souza Santos & Mendonça Lima 1991: 229:30).

A educação dos índios Tukano que habitam as comunidades ou povoados do interior está a cargo dos salesianos desde o início do século. Nessa época, eles estabeleceram-se na região com uma política de catequese marcada pela educação escolar e pelo fomento à formação de aglomerados populacionais em torno das capelas (nas comunidades ribeirinhas) ou das igrejas e missões (nas sedes dos distritos). Esse período se caracterizou pela criação de novas identidades religiosas produzidas a partir das relações com o catolicismo. Os cultos secretos masculinos e a sacralização de inúmeros objetos rituais foram severamente reprimidos pelos missionários desde a chegada destes últimos em 1914.

Comparados a outros povos indígenas do Brasil, os povos do Rio Negro apresentam um alto grau de escolarização. Entretanto, é importante ressaltar que, durante muito tempo, a pedagogia salesiana foi um instrumento importante no processo de desvalorização da cultura tradicional. Esse processo tem afetado de tal modo a auto-estima indígena

na região, que grande parte da população se vê impelida a buscar uma identidade ocidental e urbana.

Um outro fator que concorreu para acelerar o processo de urbanização foi a militarização da fronteira, principalmente com a implantação do Projeto Calha Norte.<sup>6</sup> Num primeiro momento, militares e índios iniciaram um processo de cooperação. Em 1986 foi criada a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, com sede em São Gabriel da Cachoeira, como um instrumento institucionalizado para a articulação dessa parceria. Desentendimentos posteriores puseram fim, em poucos anos, à aliança política entre índios e militares. O Projeto Calha Norte não deu certo, e seus únicos produtos visíveis foram o desrespeito aos direitos humanos, o saque aos minérios da região e a devastação da mata (Povos Indígenas no Brasil 87-90. São Paulo: Cedi, 1991: 93).

Embora, atualmente, a população indígena seja majoritária, a região também é habitada por uma população não-índia formada pelos missionários, militares (que integram os batalhões de fronteira e de construção do Exército Brasileiro) e migrantes amazonenses e nordestinos. A presença desses dois últimos grupos é mais recente, concentrando-se na cidade de São Gabriel da Cachoeira e, em menor número, nas sedes de seus distritos.

---

<sup>6</sup> O PCN foi elaborado por uma comissão interministerial e aprovado pelo Presidente José Sarney em 1985. Concebido como “via de fortalecimento da expressão do poder nacional, verificação e defesa das fronteiras, integração e desenvolvimento da Região Norte”, o projeto abrangia a faixa

As demandas criadas pelo processo de urbanização acelerado levam os indígenas a deixar as áreas de ocupação tradicional, mudando-se para núcleos populacionais formados modernamente em torno da missão salesiana. Dentre tais núcleos, podemos citar a sede do município de Iauareté, a cidade de São Gabriel da Cachoeira, sede do município de mesmo nome, e as sedes dos distritos de Taracuá e Pari Cachoeira. Acredita-se que esse fluxo migratório ocorre principalmente em função das necessidades de assistência médica e sobretudo de educação escolar geradas pelo contato com a sociedade nacional.

O nível de urbanização varia com a área geográfica em questão. Podemos sugerir uma gradação em três níveis: aglomerados urbanos, povoados e comunidades ribeirinhas. Cada comunidade possui uma capela e uma escola primária, cujos professores são, em sua grande maioria, indígenas. De uma forma geral, os habitantes de uma comunidade são parentes que dividem um mesmo território, e embora as residências coletivas já tenham sido há muito abolidas, o modo de subsistência ainda possui muitas semelhanças com a situação tradicional.

Nos povoados formados em torno das escolas secundárias e dos hospitais da missão, o nível de comprometimento com a estrutura social tradicional é bem menor. Os casais habitam casas relativamente isoladas umas das outras, e acima da família nuclear, não há nenhum grupo social articulado

---

que vai do Oiapoque a Tabatinga – território habitado por 63 mil índios distribuídos em 54 grupos

para o trabalho produtivo diário. Quando não estão na escola, as crianças passam a maior parte do tempo na companhia de parentes, e a segregação sexual fica restrita aos momentos festivos ou de reunião de todos os habitantes para o pronunciamento do capitão de bairro.

Na cidade de São Gabriel da Cachoeira, a população indígena vive misturada aos migrantes brasileiros e é confrontada com uma situação radicalmente diferente daquela das comunidades e povoados. Na cidade, a esfera produtiva sofre uma reordenação radical; a necessidade de adaptação às demandas produzidas pela inserção na sociedade de consumo impele os homens a procurar emprego com os comerciantes ou micro-empresários brancos, e as mulheres a se tornar empregadas domésticas das esposas de militares ou comerciantes brancos. Vale notar que a importância atualmente conferida à aquisição de produtos industrializados possui efeitos extremamente disruptivos para a economia e as relações sociais tradicionais (ver Jackson 1983: 61-2).

Toda essa situação tem produzido, por parte dos índios, algumas iniciativas no sentido de resgatar a identidade tradicional e proteger os grupos indígenas dos efeitos nefastos da política de integração. Nesse contexto, vêm sendo fundadas várias associações indígenas locais (em 1995, somavam 20), todas elas filiadas a FOIRN, cujo objetivo é defender os interesses indígenas frente à sociedade nacional. Tais associações são “assuntos de homem”, e

embora existam três associações femininas no âmbito da Federação, de uma maneira geral as mulheres não participam da tomada de decisões que determinam as alianças políticas efetuadas pelos índios. Após uma análise das ações dessas associações ao longo de sua história, através do manuseio de documentos obtidos junto à Federação, pude verificar que seus objetivos ficam, em geral, confinados a questões restritas ao âmbito da economia feminina.

Por estarem mais afastadas do processo de articulação formal da comunidade indígena com a sociedade nacional, as mulheres possuem um importante papel na preservação da cultura tradicional. Há uma “cultura feminina” indígena relativamente resguardada dos efeitos do contato. Apesar de se verem cada vez mais envolvidas pela nova realidade, em certas esferas de suas vidas as mulheres Tukano oferecem uma forte resistência aos apelos de mudança. É interessante notar, por exemplo, que na cidade de São Gabriel da Cachoeira, o maior centro urbano da região, as representações e práticas ligadas ao parto encontradas entre a população indígena mantêm um alto grau de comprometimento com a cultura tradicional. As mulheres apresentam uma forte resistência aos procedimentos médico-hospitalares ocidentais. Embora ocorra um aumento gradativo na utilização destes serviços, principalmente pelas mulheres mais jovens, é notória a importância atribuída ao papel do rezador e a uma “ética” da privacidade, durante o período do que vai da gestação ao parto (Menezes Bastos 1991: 123). Outros exemplos de áreas de resistência cultural feminina são a

culinária e toda uma rede de comunicação e socialização do conhecimento sobre a manipulação e o uso de plantas de efeitos mágicos ligados à vida conjugal e sexual.

### **A Pesquisa**

Com o desmoronamento da organização social tradicional e o atual valor conferido à família monogâmica, as identidades sexuais tendem a se transformar. Uma pesquisa sobre as mudanças nas conceituações de gênero frente a transformações sócioestruturais deve partir do pressuposto de que as novas identidades são produzidas no jogo de forças entre o apelo modernizador e a cultura tradicional. Na tensão entre os padrões indígenas tradicionais e os padrões ocidentais de relações entre os gêneros, surgem novos modelos. E esses modelos devem ser vistos como parte de um processo mais geral de criação de novas identidades étnicas. Ao que tudo indica, não é sem dificuldades que os novos modelos são vivenciados pelos índios da região. Os conflitos decorrentes do relacionamento sexual das índias com os homens brancos já nos fornecem um valioso exemplo disso. Uma das questões que serão investigadas pela pesquisa é o lugar das relações sexuais com os brancos nas identidades sexuais emergentes.

A hipótese que norteará as investigações é a de que os padrões modernos de vida doméstica e familiar podem estar dando origem a novas concepções culturais de relações entre os gêneros. Quanto aos primeiros, as modificações mais importantes detectadas até agora foram a progressiva

passagem da maloca coletiva para a casa isolada onde reside uma família monogâmica, passando por uma estrutura intermediária (que aparece nas comunidades ribeirinhas) onde várias famílias nucleares compartilham o mesmo território, cada uma residindo em uma casa individualizada. Paralela a essa mudança, ocorre uma reordenação da divisão sexual do trabalho, aparentemente menos marcada pela rigidez e pela segregação sexual tradicionais. Com os dados de que disponho até o momento, posso afirmar que a maioria das tarefas econômicas são atualmente compartilhadas pelos esposos. No interior da divisão do trabalho, os únicos marcadores de identidade sexual que ainda vigoram são as atividades ligadas à pesca e à cozinha.

Como vimos, alguns autores sugerem que as conceituações culturais tradicionais da mulher e das relações entre os gêneros podem ser explicadas pela valorização do princípio agnático, pela regra de residência virilocal e pelo caráter “estrangeiro” da mulher. Se as mudanças na estrutura do grupo doméstico são acompanhadas por transformações nas relações entre os membros da família nuclear, é plausível supor que os papéis atrelados aos sexos, os padrões de relação conjugal e as identidades sexuais que emergem na nova realidade produzam modelos e representações culturais de gênero bastante diversas daquelas presentes na cultura tradicional. Como podem ser descritas as novas estruturas doméstico-familiares? Quais são os novos modelos e conceituações de gênero? Qual é a relação entre as mudanças que ocorrem nesses dois níveis? É possível estabelecer, para o caso Tukano

atual, conexões entre fatores socioestruturais e as representações culturais da mulher? Estas são as principais questões que a pesquisa visa responder.

### **Metodologia e Natureza dos Dados**

A pesquisa proposta é de caráter eminentemente etnográfico. Será realizado trabalho de campo de quatro meses, no povoado de Iauareté (alto Rio Negro, fronteira com a Colômbia), um aglomerado urbano habitado por aproximadamente mil índios, e formado em torno da sede da missão salesiana. Conto, a princípio, com hospedagem junto a uma família indígena ali residente, com a qual travei contato durante a pesquisa de campo realizada em 1996.

A metodologia do trabalho de campo deverá basear-se em observação participante, a partir de uma convivência cotidiana, incluindo também entrevistas formais. Os principais pontos a ser investigados são os novos arranjos residenciais, as alterações na divisão do trabalho, os padrões de relações conjugais e as representações culturais da mulher e das relações entre gêneros. O foco na vida doméstica tornará possível analisar as relações entre as novas conceituações e as estruturas modernas de organização familiar.

O aprendizado da língua nativa (Tukano) será de fundamental importância para a pesquisa. Para tanto, te, sido providenciado material bibliográfico específico.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHERNELA, Janet. 1984. Female Scarcity, Gender Ideology, and Sexual Politics in the Northwest Amazon. *Working Papers on South American Indians*, Bennington, v. 5, jul.

\_\_\_\_\_. 1988. Some Considerations of Myth and Gender in a Northwest Amazon Society. In: R. Randolph, D. Schneider & M. Diaz (eds.), *Dialectics and Gender: Anthropological Approaches*. Boulder: Westview Press.

\_\_\_\_\_. 1993. *The Wanano Indians of the Brazilian Amazon: a Sense of Space*. Austin: University of Texas Press.

COLLIER, Jane & YANAGISAKO, S. 1987. Toward an Unified Analysis of Kinship and Gender In: J. Collier. & S. Yanagisako (eds.), *Kinship and Gender: Essays Toward a Unified Analysis*. Stanford: Stanford University Press.

COMAROFF, John. 1987. Sui Genderis: Feminism, Kinship Theory, and Structural Domains. In: J. Collier & S. Yanagisako (eds.), *Kinship and Gender: Essays Toward a Unified Analysis*. Stanford: Stanford University Press.

HUGH-JONES, Christine. 1976. Skin and Soul: the Round and the Straight. Social Time and Social Space in Pirá-Paraná Society. *Actes du XLII Congrès International des Americanistes*, Paris: Société des Americanistes.

\_\_\_\_\_. 1979. *From the Milk River: Spatial and Temporal Processes in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.

HUGH-JONES, Stephen. 1979. *The Palm and the Pleiades: Initiation and Cosmology in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 1988. Clear Descent or Ambiguous Houses? A Re-examination of Tukanoan Social Organization. *L'Homme* 126-128, Paris.

JACKSON, Jean. 1983. *The Fish People*. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 1990-91. Rituales Tukano de Violencia Sexual. *Revista Colombiana de Antropologia*, vol. XXVIII. Bogota: Instituto Colombiano de Cultura.

HARVEY, Penelope & GOW, Peter (eds.). 1994. *Sex and Violence: Issues in Representation and Experience*. London: Routledge.

LASMAR, Cristiane. 1998. Mulheres Tukano e Urbanização no alto Rio Negro. In: C. Bruschini & H. Buarque de Hollanda (orgs.), *Horizontes Plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Ed. 34. No prelo.

MENEZES BASTOS, Maria Gorete De. 1991. Representações e Práticas Ligadas ao Parto de Índios Residentes na Cidade de São Gabriel da Cachoeira. In: D. Buchillet (ed.), *Medicinas Tradicionais e Medicina Ocidental na Amazônia*. Belém: MPEG/Edições CEJUP/UEP.

MOORE, Henrietta. 1994. Understanding Sex and Gender. In: T. Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology: Humanity, Culture and Social Life*. London: Routledge.

MURPHY, Yolanda & MURPHY, Robert. 1974. *Women of the Forest*. New York/London: Columbia University Press.

NADELSON, Leslee. 1981. Pigs, Women and the Men's House in Amazonia: an Analysis of Six Mundurucú Myths. In: S. Ortner & H. Whitehead. (eds.), *Sexual Meanings*. Cambridge: Cambridge University Press.

QUINN, Naomi. 1977. Anthropological Studies on Women Status. *Annual Review of Anthropology*, vol. 6.

RIBEIRO, Berta. 1995. *Os Índios das Águas Pretas*. São Paulo: Edusp/Companhia das Letras.

RIVIÈRE, Peter. 1984. Of Women, Men and Manioc. In: Skar & Salomon (eds.), *Natives and Neighbour in South America. Anthropological Essays*. Gothenburg: Ethnographic Museum.

ROSALDO, Michelle. 1974. Woman, Culture, and Society: A Theoretical Overview. In: M. Rosaldo & L. Lamphere (eds.), *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press.

\_\_\_\_\_. 1980. The Use and Abuse of Anthropology: Reflections on Feminism and Cross-Cultural Understanding. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*. Vol. 5, n° 3.

RUBIN, Gayle. 1975. The Traffic in Women: Notes on the Political Economy of Sex. In: R. Reiter (ed.), *Toward an Anthropology of Women*. New York/London: Monthly Review Press.

SOUZA SANTOS, Antônio Maria De. 1988. *Etnia e Urbanização no Alto Rio Negro: São Gabriel da Cachoeira*. Tese de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

STRATHERN, Marilyn. 1976. An Anthropological Perspective In: B. Lloyd & J. Archer (eds.), *Exploring Sex Differences*. London/New York/San Francisco: Academic Press.

WRIGHT, Robin. 1992a. Uma Conspiração contra os Civilizados: História, Política e Ideologias dos Movimentos Milenaristas Aruak e Tukano do Noroeste da Amazônia. *Anuário Antropológico*, 89: 191-231.

\_\_\_\_\_. 1992b. História Indígena do Noroeste Amazônico: Hipóteses, Questões e Perspectivas. In: M. Carneiro Da Cunha (org.), *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

## CRONOGRAMA

- *Março a julho de 1998:* aquisição e estudo de bibliografia específica para aprendizado da língua Tukano.
- *Agosto:* preparação da viagem de campo.
- *Setembro a dezembro de 1998:* trabalho de campo.
- *Janeiro de 1999 a maio de 1999:* leituras complementares, organização e análise dos dados coletados em campo, e elaboração dos relatórios a serem apresentados à Fundação Carlos Chagas

## ORÇAMENTO

Itens	Custo (R\$)
Transporte aéreo (Rio/ Manaus/Rio; Manaus/São Gabriel/Manaus)	1.300,00
Estadia, alimentação e transporte terrestre em Manaus na chegada e no regresso (2 diárias)	400,00
Hospedagem, alimentação e transporte terrestre na cidade de São Gabriel da Cachoeira na chegada e no regresso (14 diárias)	850,00
Transporte fluvial no Rio Negro: estimativa de 5 viagens (honorários do práctico, gasolina, aluguel do barco, etc.)	1.000,00
Material para pesquisa (fitas cassete, itens de papelaria; gravador portátil; filme fotográfico)	250,00
Presentes e pagamento a informantes	600,00
Equipamentos de uso pessoal (remédios, fogareiro, utensílios de cozinha, redes, capa de chuva, galocha, mosquiteiro, lampião, pilhas, barraca)	1.000,00
Material bibliográfico e em meio magnético para aprendizado da língua	300,00
Gêneros alimentícios e produtos de higiene e limpeza para 14 semanas	1.000,00
Despesas eventuais	500,00
<b>Total</b>	<b>R\$7.200,00</b>